

A PALAVRA mais feia que se pode pronunciar hoje das rodas «bem» é nacionalismo. «Petrobrás» deixa de ser palavra feia para ser palavrão proibido. Tudo que termine ou ameace terminar em «brás» é tabu. As boas iniciativas devem ter o adjetivo «Brasileiro» ou «Brasileira» ou ainda a indicação «do Brasil» apenas como tradução de «of Brazil».

O curioso é que os corifeus dessas bacanidades falam sempre em nome da iniciativa privada; quem os ouve juram que são homens de trabalho, que vivem a montar fábricas, a produzir, a promover o desenvolvimento nacional — lutando contra o estatismo, contra as calúnias comunistas, contra a demagogia. A gente vai examiná-los de mais perto — e são excelentes advogados, simpaticísimos «public-relations», hábeis intermediários, prestimosos testas-de-ferro... Para eles quem é nacionalista é comunista ou índio botocudo.

O que na verdade acontece — e isso eles sabem, mas escondem — é que o nacionalismo no Brasil se apóia principalmente em duas forças. Uma delas é a indústria, através de seus líderes mais esclarecidos, de Roberto Simonsen para cá, sem esquecer também o falecido Lodi que, com todas as suas contradições, sempre foi um homem que soube defender os interesses da indústria nacional contra as manobras do capitalismo internacional. Nacionalistas de verdade são os homens realizadores, tipo Ermírio de Moraes, capazes de erguer uma indústria como a de alumínio apesar da violenta oposição de um imenso «trust» americano.

A outra força nacionalista está no Exército, em uma oficialidade esclarecida que se pôs em dia com os problemas políticos e econômicos do mundo para melhor compreender os problemas militares. Esses sabem que a segurança nacional não se garante apenas a tiros, mas através de uma estratégia ampla, que abrange muitos campos estranhos ao terreno das armas. Quem conhece alguma coisa do «back-ground» da história do Brasil nos últimos decênios sabe que as mais astutas e ambiciosas expedições político-financeiras contra o interesse nacional esbarraram sempre na oposição de um grupo de homens de farda. Soldados e marinheiros teimosos disseram «não» quando já se havia obtido o «sim» de tantos políticos, técnicos, jornalistas, economistas e diplomatas jeitosos, ajeitados, ou simplesmente iludidos ou displicentes.

São, assim, os dois setores mais próximos e, portanto, mais conscientes das necessidades e realidades do desenvolvimento econômico e da segurança nacional os verdadeiros esteios do nacionalismo. Os outros que lutam no mesmo sentido — estadistas, políticos, jornalistas, intelectuais — são úteis e mesmo indispensáveis, mas ficariam sem qualquer apoio e sua ação perderia qualquer sentido menos lírico se não atuassem as duas forças acima citadas. São eles, entretanto, que dão ao movimento nacionalista a base popular imprescindível.

Essa base popular hoje é imensa. E contra ela precisamente, para tentar neutralizá-la, que se mobiliza agora uma espetacular campanha de editoriais em alguns dos mais poderosos órgãos da imprensa, campanha que visa também intimidar o presidente Juscelino para que ele volte atrás de sua «criminosa» decisão sobre a Capuava — ou pelo menos não repita um gesto desses de mau gosto...

Um dos temas prediletos dessa campanha nacionalista é de que o nacionalismo é uma invenção do comunismo.

Ninguém nega que os comunistas no Brasil façam onda contra esta ou aquela potência, ao sabor dos interesses momentâneos da política soviética. Mas convém não esquecer que a certa altura eles foram contra o monopólio estatal do petróleo, e também defenderam muito a sério a tese de que o imperialismo não era mais nenhum problema — estava «de dentes partidos»... O que vemos hoje não somente na China, na Polônia, na Hungria, na Jugoslávia como também no Brasil — estou me referindo à recente e espetacular cisão do PCB — é que o nacionalismo reclama os seus direitos contra eu a favor qualquer «linha justa» ditada de cima ou de fora.

Juro por Deus que não sou nenhum botocudo. Mas também não acredito que só devemos levar a sério aqueles índios americanos, cheios de plumas, dentes de ouro e — ações de petróleo.